

ENTRE TATUAGENS E CRIMINOSOS

Anne Karine Matias¹

Anne Augusta Rocha Simões²

Luis Carlos Cavalcante Galvão³

Fecha de publicación: 01/01/2014

SUMÁRIO: 1 INTRODUÇÃO; 2 A TATUAGEM NA HISTÓRIA; 3 MARCAS CORPORAIS NAS CAMADAS MARGINAIS; 3.1 As Instituições Penais e as Tatuagens; 4 TATUAGENS COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO; 4.1 Significados no Mundo do Crime; 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

RESUMO: A presente pesquisa busca, por meio de uma metodologia de pesquisa descritiva, dedutiva, estabelecer a relação entre tatuagens e criminalidades. Delineia um breve esboço histórico da tatuagem pelas culturas, dando ênfase a prática entre as camadas ditas marginais e encarceradas. Busca-se uma análise das instituições penais e sua teorização para compreender a incidência de tatuagens nestes locais de reclusão. Por fim, faz-se mão de uma reflexão sobre a utilização de marcas indelévelis como forma de expressão que, quando aplicadas ao mundo dos cárceres, figuram em um código oculto. O objetivo é investigar a linguagem codificada neste mundo de criminalidade, bem como a relação entre os crimes praticados e os símbolos estampados nas peles do transgressores.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco.
E-mail: annekmatias@hotmail.com

² Professora da Universidade Católica de Pernambuco
E-mail: anne.arsimoes@gmail.com

³ Professor da Universidade Federal da Bahia.

PALAVRA-CHAVE: Tatuagens; Marcas Corporais; Criminalidade; Significados.

1 INTRODUÇÃO

É milenar o hábito da inserção de ornamentos, colocação de piercings, escarnificações e realização de tatuagens. É neste sentido que, conforme cita Berger (2006), a descoberta da tatuagem se confunde com a própria história da humanidade. Não se pode apontar qual povo a descobriu primeiro ou qual foi a primeira pessoa tatuada. Consta como um exemplo de expressão humana, apontando para um meio de representação do corpo, sendo tematizado de acordo com os referenciais de cada cultura.

Entretanto, não é toda cultura que se pode afirmar a prática como arte, sendo marginalizada. A tal ponto que apenas aqueles mal vistos pela sociedade podem ser marcados como forma de punição ou estigmatização. Era costume em praticamente toda Europa cravar na pele dos transgressores sua pena, como forma de marcar na eternidade estes como pessoas indignas (FOUCAULT, 2004). Mas, antes mesmo das ordálias e penas sangrentas da Europa medieval, os romanos já marcavam seus escravos e presos, mas jamais um cidadão romano (BARBAJOSA, 2011).

De lá para cá houveram mudanças, tendo em vista que nenhum ser humano, cidadão de um Estado democrático, poderá ser imposto a sofrer com sua derme tatuada. Contudo, a prática é perpetrada e reproduzida nos locais de cárcere, assim o direito adquirido de não ser humilhado com desenhos na pele não impediu dos próprios transgressores e atuais excluídos de prosseguir com esta.

2 A TATUAGEM NA HISTÓRIA

Alguns autores acreditam que as primeiras marcas foram executadas acidentalmente, ou seja “alguém com um ferimento na pele mexeu nessa ferida com as mãos sujas de fuligem e cinzas provindas do fogo. Depois que cicatrizou, observou-se que a marca havia permanecido em definitivo” (MARCELINO, 2007, p. 64). A partir desta ideia, os homens primitivos passaram a fazer ferimentos no próprio corpo a fim de produzir marcas permanentes, evoluindo ao longo do tempo para a elaboração de desenhos usando espinhos e tintas orgânicas (ARAUJO, 2005).

Lautman (1994) relata que o mais antigo indicio de tatuagens data de 5.300 a.C., encontrado nos Alpes entre a Itália e a Áustria sendo um cadáver nomeado de Ötzi ou “homem de gelo”, com inscrições pelo corpo. Ainda, achados com lascas de sílex presas a cabos de madeira, datam de 12.000

anos e aparentam serem ferramentas usadas para a manipulação e aplicação de tinta sob a pele com agulhas. Até mesmo múmias egípcias de um período entre 4.000 e 2.000 a.C. continham traços e inscrições indelévels na região do abdome (MARCELINO, 2007).

Saldanha (2011, p. 19) expõe que “há relativa escassez de relatos detalhados do uso da tatuagem durante um longo período, que vai da antiguidade até o seu redescobrimto com os exploradores europeus, porém ainda podem ser encontrados vestígios da prática”. Desta forma, autores clássicos como Heródoto (2010) mencionam em suas obras as tatuagens entre povos da antiguidade. O autor aponta que os trácios escarificavam os corpos, pois entre eles ser tatuado era um sinal de origem nobre. Descreveu também um povo do norte da Europa que teria existido de 7.000 a.C. a 845 d.C denominado por eles como *Picti* ou *Pictos*, que tinham a cultura de tatuar o corpo.

Os romanos por sua vez não celebravam as tatuagens, posto acreditarem na pureza do corpo humano. Exceto marcas para os criminosos e os condenados, estas foram proibidas, entretanto tal postura se alterou após uma batalha travada entre o exército ítalo e o exército bretão que usava suas marcas indelévels como medalhas de honra. Alguns romanos começaram a admirar os símbolos espalhados em seus corpos de seus inimigos. Logo soldados românicos criaram seus próprios símbolos e marcas corporais (BARBAJOSA, 2011).

Ainda na era Cristã, mais especificamente entre os anos 900 e 1350 d.C., os *Chiribaya*, fazendeiros residentes do atual Peru marcavam seus corpos, como visto em múmias no museu do país. Há evidência também no México, no qual Cortez descobriu que os nativos tinham conseguido recriar imagens em seus corpos. Os espanhóis não tinham notícia da prática da tatuagem, já amplamente praticada na América Central, e por isso diziam ser aquilo obra de Satanás (MARCELINO, 2007).

Com a época das grandes navegações, o Capitão James Cook, ao circunavegar a Polinésia, Filipinas, Indonésia e Nova Zelândia, descobriu que nativos tatuavam-se em rituais ligados a religião. Foi a partir de seus diários de bordos que se deu a origem etimológica da palavra “tatuagem”. Seu significado, porém, não é certo, sendo na visão de Krakow (1994) as palavras significam “marcar o corpo”. Segundo Mello (2011), o termo inteiro significaria “desenho na pele”. Branda (2010), todavia, entende que a palavra possui os significados de desenhar, esboçar, delinear e traçar. Por outro lado, há autores que relacionam o surgimento da palavra com o som

produzido pelos instrumentos utilizados durante a aplicação da tinta sob a pele (ARAUJO, 2005).

O mesmo Capitão Cook ao retornar à Europa, em 1775, levou consigo um homem polinésio chamado Omai. Junto com Omai, que tinha o corpo marcado, embarcaram também as tatuagens na Europa, virando acessório de cavalheiros da aristocracia (PUELLES, 1998). Porém, o significado das iconografias tinha um contexto diferente para os Maoris. Segundo Caruceht (1995), estes desenhavam elaboradas tatuagens faciais, intituladas *makule* que simbolizavam a pessoa e sua origem. Tanto que quando os europeus pediam aos nativos que assinassem documentos, estes desenhavam figuras idênticas às tatuagens já que estas significavam para os polinésios seus nomes e quem eles eram.

De lá pra cá, foram necessários vários anos para que a primeira loja permanente de tatuagens fosse inaugurada em Nova Iorque – paralelamente com a invenção da máquina elétrica de tatuagem. O invento tornou o processo menos doloroso comparado as técnicas artesanais anteriores, que utilizavam a pressão exercida pela mão do tatuador. De tal forma, a prática ficou mais acessível, incitando o interesse pelo exótico. A tatuagem se tornou, então, atração de circos, parques de diversões e feiras, no qual pessoas exibiam seus corpos completamente tatuados e nus para o público. No final dos anos vinte mais de trezentas pessoas totalmente marcadas trabalham em circos americanos, incluindo famílias inteiras politatuadas (MIFFLIN, 2013).

Os anos 50 as tatuagens apareceram nos corpos não só dos marinheiros, soldados e artistas de circos, como de *pin-ups* e até mesmo senhoras de famílias. Os anos posteriores, tal sejam os anos 60 e 70, estas marcas corporais sofreram um novo impulso proveniente da música, sobretudo do *Rock'n'Roll*, inserindo-a no mundo da contracultura da indústria pop. O movimentos pacifistas dos denominados *hippies* e a cultura do *Rock* foram generosas e férteis para os que queriam marcar o corpo. Todavia, a tatuagem ainda estava, de alguma forma, à margem, e em certa medida simbolizava uma forma de protesto social (MIFFLIN, 2013).

Apenas na década de 90, com a modernização dos estúdios, que a prática foi encarada como um tipo de arte, se popularizando. Permeou, assim, as várias camadas sociais, conforme aponta Vênus Brasileira Couy (2010, p. 130)

[...] [ocorreu uma] expansão da tatuagem em larga escala, como atestam as publicações especializadas do ramo, [...] [fazendo com que], em diversos países, sobretudo, nos grandes centros urbanos, os estúdios de tatuagem quintuplicassem para atender à

crescente demanda, oriunda de diversas classes sociais, independentemente de sexo, cor ou profissão.

Todavia, mesmo na atualidade, nem todo povo aprova a arte, de tal forma, apenas aqueles ditos excluídos podem ser marcados. Baseado neste contexto de exclusão e tatuados que se notou uma relação forte destes durante toda a história, principalmente no que concerne aos encarcerados. Até mesmo em sociedades mais tolerantes no que tange a arte da tatuagem, a associação às vezes é quase que inevitável, pois a prática de desenhos no corpo é bastante recorrente em instituições penais (MARCELINO, 2007).

3 MARCAS CORPORAIS NAS CAMADAS MARGINAIS

Durante os séculos, dos bretões, que pintavam o rosto para imitar invasores, ao Império Romano, onde os escravos eram marcados, a tatuagem assumiu várias funções, desde propriedades mágicas até se relacionar com a criminalidade, marcando os marginais ou os diferentes do resto da sociedade. Um exemplo desta relação consta nos criminosos da França no século XVIII que eram queimados com ferro quente, assim como na Inglaterra no qual se cravava as iniciais “BC” de *Bad Character* ou mau caráter em inglês (MELLO, 2011).

De fato, a prática da tatuagem conheceu períodos de esquecimento e proibição, ressurgindo no século XX pelas camadas marginais da sociedade, carregando consigo estigmas (SALDANHA, 2011). Ademais, o termo “estigma” surgiu com os helenos, se referindo a sinais corporais que evidenciavam alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral do portador. “[...] eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada [...]” (GOFFMAN, 1988, p. 5).

Estudos acadêmicos acerca do tema criminalidade e tatuagens foram executados desde o século XIX por Lacassagne (1881) que procurou classificar seus desenhos de acordo com o assunto e a posição do corpo. Descreveu algumas, mais especificamente as de sentenças e frases, afirmando serem comuns nos condenados proposições como “Nascido sob uma Estrela de Azar” e “O passado me condena, o presente me atormente e o futuro me assusta”. Eram também recorrentes imagens mitológicas, *e.g.*, Baco, Vênus e Apolo, e retratos de Napoleão, Garibaldi, Bismarck e outras figuras importantes na história. Algumas tatuagens tinham conteúdo pornográfico com bustos e mulheres nuas ou frases insinuas.

No mesmo sentido foram as pesquisas de Lombroso (2010), intitulando a prática das tatuagens como característico do delinquente. Neste sentido, e ainda de acordo com as ideias do criminologista, os delinquentes padeciam

de uma série de estigmas degenerativos comportamentais, psicológicos e sociais, sendo uma delas as marcas corporais indelévels. Para corroborar suas teorias o próprio estudioso italiano classificou diversos tipos de criminosos, alegando que é entre estes, em grande parte, que se demonstram tendências à tatuagem, bem como outras tendências negativas.

Um século depois a tatuagem continuou fazendo sucesso entre os criminosos, eclodindo nos anos de 1950 sob a égide da delinquência juvenil. Um tatuador da época relatou em seus diários que sua loja, como a maioria das lojas de tatuagens da época, era frequentada por gangues, “ao ponto de polícia procurar pelos tatuadores para saber o paradeiro de certos fugitivos” (OSÓRIO, 2006, p. 28). Steward (1990), tatuador famoso, afirmou também que ficou conhecido na penitenciária local pelo volume de condenados que havia tatuado. Alguns autores afirmam que neste momento, a tatuagem americana parece estar no limiar entre as gangues e a cultura jovem (OSÓRIO, 2006).

Mesmo com a disseminação das tatuagens e sua popularização pelo mundo, a prática prosseguiu pelo submundo do crime, marcando os membros de uma determinada gangue, como ocorre até hoje com a *Yakuza*, tradicional organização criminosa existente no Japão (MARCELINO, 2007). Entretanto, mesmo sendo notável as tatuagens de gangues, desde as obras de Lombroso e Lacassagne é possível inferir que os criminosos tatuam-se, ordinariamente, depois que entram para o cárcere, e, principalmente, dentro do cárcere (LOMBROSO, 2010).

Destarte, como visto, no decorrer da história, as imagens cravadas na pele têm sido frequentemente ligadas à punição e a comportamentos marginais. Ademais, em algumas sociedades, mesmo na atualidade, os adornos continuam ligados a grupos sociais mal vistos de tal forma que a associação entre tatuagens e prisioneiros é imediata (BERGER, 2006; PAREDES, 2003)

3.1 As Instituições Penais e as Tatuagens

Algumas culturas ainda consideram marcas corporais indelévels como tabu, sendo constantemente apontadas como frutos de criminalidade e de camadas baixas. Mas tal ideia não recai no mero abstrato, sem evidências, pois nota-se que dentro destes espaços segregados há uma grande quantidade de peles coloridas por técnicas de marcação indelével. O motivo para a grande incidência não é nítido ou claro, mas a partir da teorização das instituições penais pode-se analisar o mundo iconográfico e suas motivações, como visto em Michel Foucault.

Para Foucault (2004) as instituições são mecanismos para tornar indivíduos dóceis, elas fabricam indivíduos. Este conceito de “corpos dóceis” está para um corpo sob constante controle, ao qual uma coerção ininterrupta impõe uma codificação que esquadrija ao máximo de tempo, espaço e movimento. O corpo se oferece obedientemente, mostrando sinais indeléveis de danificação e privação, marcado com experiências cheias de dor – o que acaba por revelar o mecanismo constitutivo da microfísica do poder punitivo, no qual o condenado é uma codificação do menor poder.

A pesquisa de Goffman (1988) acerca do assunto é também bastante significativa, pregando o caráter de fechamento ou clausura, ou seja, o ‘caráter total’ é tematizado pelo bloqueio com o mundo e por proibições quanto à saída do espaço institucional. Esta reclusão nas ditas instituições totais ao ser imposta acaba desencadeando, durante o transcorrer do cotidianos dos procedimentos da instituição, o processo de mortificação do “eu civil” (GOFFMAN, 1988). Em resumo, “instituições totais podem ser compreendidas como espaços em que as disposições psicológicas dos indivíduos internados se modificarão gradativamente [...] se operam modificações na imagem que se faz de si mesmo [...]” (FERREIRA, 2012, p. 78).

Para além da teorização das instituições penais, Clastres Pierre (2003, p. 197) acreditava na “tríplice aliança [...] entre a lei, a escrita e o corpo” – a lei, sendo dura, é também escrita, pois toda lei é escrita e ditada pela sociedade. Prossegue afirmando que (PIERRE, 2003, p. 197), “[às vezes] o prisioneiro em pessoa [...] se transforma em máquina de escrever a lei, e [...] a inscreve sobre o seu próprio corpo”. Ocorre, desta forma, “a atribuição ao próprio portador do estigma da responsabilidade de inscrever em seu próprio corpo e com suas próprias mãos [...] as marcas de sua nova condição” (DA SILVA, 1991, p. 7). Na visão de Pierre (2003), o corpo aqui é designado como superfície da escrita da lei, sendo apto para receber o texto legível.

Por fim, em uma visão empirista, resta-se inegável que a vontade de liberdade é inerente ao ser-humano, o que nos leva a ver como locais de reclusão podem ser prejudiciais. Nas instituições penais, de modo geral, apesar do sistema atual fornecer diversas opção de atividades, como escolas, trabalhos e oficinas, os presos ainda se sentem ociosos. (FERREIRA, 2012). Há uma grande necessidade de ocupar o tempo com diversos ofícios, principalmente quando o indivíduo transgressor se encontra na conhecida “solitária”. A prática de tatuagem, então, consta como um gatilho não só para expressão, mas como forma de manter a mente longe da solidão (PAREDES, 2003).

Finalmente, é por estas maneiras que acreditamos podermos inserir a tatuagem no submundo dos prisioneiros: o corpo modificado pelo micro sistema de poder, a estigmatização do prisioneiro acarretando na mudança de sua imagem e, por fim, como forma de escapismo. Mas, de forma empírica, sabemos que estas ultrapassam as teorias, possuindo significados práticos e diretos. Desta forma, podem também ser utilizadas para marcar aqueles iguais, ou seja, da mesma quadrilha, fornecendo uma forma de companhia e segurança nestes locais tão hostis. Seu portador expõe sua frustração, sua dor, sua raiva e até mesmo seus delitos e crimes por meio de figuras que nunca mais poderá apagar (PAREDES, 2003).

4 TATUAGENS COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

Entretanto, antes de apontar que estas imagens formam um código oculto é preciso pontuar as tatuagens como forma de expressão, uma linguagem (COSTA, 2003). Para tal surgem os seguintes questionamentos: o que significam estes desenhos cravados na carne? O que estas figuras, que transpassam o pergaminho, as placas de argila, as paredes de cavernas, invadindo a pele querem dizer? Seriam estes desenhos na pele uma escrita?

Mauss (2003) já preconizava em seus ensaios que o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e também e ao mesmo tempo, meio técnico do homem, é seu corpo. É, pois, um suporte de signos e portador de diversas ordens de linguagens que se articulam em sistemas constituídos culturalmente, adquirindo um significado dentro de contextos sociais específicos. Ele fala, sendo por meio deste que a cultura se expressa, se forma – constituindo-se, desta maneira, em suporte de comunicação, passível de leitura e de decodificação (DA SILVA, 1991).

Por sua vez, o ato de marcar o corpo, primeiro espaço gráfico do homem, faz da pele uma superfície de inscrição (MAUSS, 2003). Configura fato social total que penetram o universo da cultura e das relações sociais vigentes em cada sociedade. Neste sentido, o corpo, dentro do contexto da tatuagem, assumiria o estatuto de um operador social, no qual os desenhos representariam modalidades de relações com a sociedade, falando, expressando ideias dentro da cultura o qual se insere (FERREIRA, 2006).

Há expressão por meio deste símbolos tatuados, pois no decorrer da história, é notável que através de diversos instrumentos, tintas e suportes, a linguagem se forma, mesmo que não por meio de letras (COUY, 2011). Na mesma linha, Ana Costa (2003) expõe que se a escrita e o desenho são representações e, desta forma, linguagens, por que as tatuagens, inscrições na pele destas representações, também não seriam?

Talhada sobre a pele, a tatuagem configura-se, na nossa aposta de leitura, não como um ornamento (embora esta função esteja inegavelmente presente), mas, sim, como uma escrita, impressa num território de passagem, o corpo, que, à semelhança dos outdoors, placas, anúncios e letreiros, entrecorta o espaço urbano e se dá a ler (COUY, 2011, p. 6)

Entretanto, é importante pontuar que as marcas, por si só, nada dizem, são meros adornos, assim só podem ser entendidas dentro do contexto sociocultural em que foram produzidas, ou seja, o sentido de cada signo será dado em função do seu significado cultural, que pode mudar de local para local (BERGER, 2006).

4.1 Significado no Mundo do Crime

Já se sabe que o homem utiliza o corpo para proceder mecanismos de inclusão e diferenciação, fazendo do mesmo um indicador de status e proclamando através dele os valores constitutivos do indivíduo ou do grupo. Neste corpo, elemento comunicador, toda e qualquer sociedade utiliza-se de formas específicas para marca-lo, contornando signos na derme seus membros (BERGER, 2006).

Os estudos feitos em épocas passadas, assim como outros mais recentes, apontam que as imagens espalhadas pelos corpos têm, às vezes, uma estranha frequência, tendo apresentando um cunho especial. Os corpos tatuados são, ainda, frutos de uma escrita voluntária e própria, no qual a pele forma um sistema de comunicação especificamente articulado ao universo da delinquência (DA SILVA, 2012). Demonstrando, através de código, um dos segredos da prisão, que vem a ser quem é o dono daquela marca e qual é a especialidade do preso no mundo do crime” (PAREDES, 2003, p. 4-6).

As imagens possuem significados específicos, os quais só quem transita ou transitou pelo mundo do crime poderá decifrar, sendo, então, uma forma de comunicação entre os presos os quais usam seus corpos como outdoor. Assim, contam histórias e diferenciam a facção à qual cada preso pertencem, como também qual crime cometeram. Da mesma forma, podem ser fruto de estigmatização ou mesmo punição por uma falta, *e.g.*, símbolos tatuados a força nos que praticaram crimes contra a liberdade sexual (DA SILVA, 2012).

Tatuar na prisão é perigoso e ilegal: são proibidas as execuções destas em todas as colônias penais – o que não impede que a prática se propague, mesmo que na clandestinidade. O silêncio e a discrição são necessários para que o trabalho na pele seja executado, acarretando, também, em uma

certa precariedade (DA SILVA, 2012). As máquinas de tatuagem utilizadas são feitas no interior das prisões, idealizadas de diversas maneiras, como a partir de um motor de DVD, uma caneta, um bico de isqueiro, arame de caderno e de prendedor de roupa, fita isolante – são diversos os meios de fabricar uma máquina caseira, bastando apenas matérias-primas que os presos solicitam “de fora” (PAREDES, 2003).

É, perceptível, a partir de estudos na área, que no mundo do crime ser marcado é um ritual permanente e distintivo que possui função primordial incluir ou excluir um determinado indivíduo de um grupo, conotando quais as especialidades do detento no mundo do crime ou até identificando suas preferências sexuais (MARCELINO, 2007). Por conseguinte, longe da democracia da tatuagem artística, os símbolos criminais seguem uma ordem rígida modificada de acordo com convenções do grupo que a utiliza. Prevê atribuição hierárquica e revela um forte código guiado não pela lei escrita, mas pela honra, sendo paralela à ordenação da Lei e regendo o código de conduta próprio ao universo carcerário (FERREIRA, 2012).

Tem, ainda, uma função classificatória e também uma função relacionada a identidade, expressando frustrações e mandando mensagens, como um testemunho de onde você venho (OSÓRIO, 2006).

Podem proteger ou incitar a violência, representando pertencimento e lealdade, falando pelo indivíduo sem que ele diga palavra alguma. Apesar de serem só tinta na pele, dentro da cadeia são sinais, posto que as imagens são muito importantes na prisão, utilizadas pelos presos para se identificarem uns aos outros e intimidar seus inimigos (DA SILVA, 1991).

Os próprios presos se tatuam, para marcar ideais, estabelecer a que facção pertencem, declarar amores e ódios, demonstrar coragem, isto sem falar em algumas associações como a máfia japonesa, que tem na tatuagem uma das principais formas de incorporação dos seus membros (BERGER, 2006, p. 77-78)

Mas elas não se restringem a apenas símbolos de bandos, são feitas, como já citado, para identificar o tipo de crime praticado pelo detento. Assim, existem grupos de desenhos no qual cada um tem um estilo e uma forma própria de ser adquirida. Nas de gangues, *e.g.*, não se pede uma tatuagem, mas se ganha, precisa-se, desta forma, fazer algo em troca pelo bando para merece-la. Uma prova de lealdade, coragem e força, se faz necessário: é preciso atrair a atenção do grupo para, assim, adquirir seu desenho. Assim, caso uma pessoa, não membro da gangue, ou seja, não merecedora daquela imagem, a ostente será obrigada a remove-la ou os próprios membros a removeram da pele do intruso (PAREDES, 2003).

Aquelas referentes aos delitos são feitas espontaneamente pelo portador, expondo seus trunfos criminais, ou a força, o que ocorre recorrentemente com estupradores, maníacos sexuais ou mesmo homossexuais. São exemplos palhaços sorrindo, feitas por assassinos de policiais e sereias na coxa direita executadas a força em estupradores. Algumas imagens, como túmulos e cobras, se confundem com um traço do detento, seja este bem visto no presídio, como valentia ou não sentir remoço pelos seus atos, seja não apreciado, como traidores ou delatores (DA SILVA, 2012).

Enfim, existe um estilo que comporta nomes ou retratos ligados ao tatuado, indicando pertencimento a alguém ou apenas homenagens. No caso do portador ser do sexo feminino, este tipo de desenho pode se confundir com as tatuagens referentes a gangues, quando estes homenageados são chefes de gangues que mantem um relacionamento com a portadora (DA SILVA, 1991). Para os homens, na maioria das vezes, são mera homenagens a suas esposas, filhas, mãe ou qualquer outra pessoa que tenha marcado sua vida de forma significativa (PAREDES, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, como visto na história e estudos da relação tatuagem e crimes, os condenados possuem o costume de se tatuar nos presídios, como forma de se expressar sua frustração, sua dor, sua raiva, seus delitos e crimes por meio de figuras que nunca mais poderá apagar. Percebe-se que as marcas abarcam tanto o nível do individual, expondo o lado mais íntimo do tatuado, no caso suas transgressões ou pessoas que marcaram suas vidas, quanto do coletivo, inserindo o portador em um determinado grupo criminal (PAREDES, 2003).

Este fenômeno, como visto em Foucault (2004), categoriza o indivíduo, marcando-o com sua própria individualidade, ligando-o, também, à sua própria identidade, impõe-lhe, por fim, uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. A instituição que cerca os presos categoriza, fixa a identidade daquele indivíduo, adentra na vida destes, agindo por meio da contenção dos gestos e ordenação do corpo, intervindo até mesmo na morfologia de sua pele.

Desta forma, a relação do indivíduo transgressor e tatuagens é clara, assim como a existência da prática nos presídios, mas os significados são diversos e a leitura destes não é tão simples quanto se aparenta. Diversamente da sociedade fora do contexto criminal, não importa apenas uma imagem em si, sendo necessário, além da sociedade que cria seu contexto, saber o tamanho e o local onde permanece a tatuagem. Destarte, um desenho poderá ter vários significados, existindo, todavia, uma especificidade no

específico, haja vista cada país ter seu próprio código para cada imagem (DA SILVA, 1991).

Importa apontar que nem todas as marcas nos presídios se relacionam com crimes ou gangues. Desta forma, para se tirar qualquer conclusão é necessário um cruzamento de dados prévio, conhecendo outros aspectos do contexto da pessoa tatuada. Da Silva (2012, p. 59) bem alerta que certas marcas encontradas em determinados indivíduos podem demonstrar um forte indício de envolvimento com a prática de crimes, mas “recomenda-se que a ação policial nestes casos seja pautada estritamente na técnica policial e no cruzamento de dados [pois] nem todas as pessoas tatuadas possuem envolvimento com crimes”. Mesmo que grande parte dos presos possuam figuras na pele, não se pode inferir que todo tatuado é um criminoso ou um bandido em potencial (DA SILVA, 1991).

Por fim, é notável que o fato das tatuagens nos presídios é relevante, pois a recorrência de seu uso para representar grupos criminosos e crimes em si é clara – além de sua utilização como estigmatização entre os próprios detentos (PAREDES, 2003).

6 REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- BARBAJOSA, C. F. Tattoo: pigments of imagination. **National Geographic Magazine**, dez. 2004.
- BERGER, M. **Corpo e identidade feminina**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BRANDA, N. de D. **A imagética da tatuagem como elemento gerador de roupa-adorno**. 200f. Dissertação (Especialização em Moda, Criatividade e Inovação) – FATEC/SENAC, Rio de Janeiro, 2010.
- CARUCHET, W. **Le tatouage ou le corps sans honte**. 1. ed. Paris: Éditions Séguier, 1995.
- COSTA, A. **Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado**. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- COUY, V. B. No princípio, era a tatuagem. **Travessias**, Paraná, 2010, 9 ed., p. 109-141.

- _____. Do risco na parede ao traço no corpo. **Travessias**, Paraná, 2011, v. 5., no 1, p. 219-225.
- DA SILVA, A. J. L. **Tatuagem**: desvendando segredos. Bahia, 2012.
- DA SILVA, M. A. M. As tatuagens e a criminalidade feminina. **Cadernos de Campo**, São Paulo, mar. 1991, no 1, p. 5-16.
- FERREIRA, M. S. Polissemia do conceito de instituição: diálogos entre Goffman e Foucault. **ECOS**, Neterói, 2012, v. 1, no 1, p. 74-86.
- FERREIRA, V. S. **Marcas que demarcam corpo**: tatuagem e body piercing em contextos juvenis. 646f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2006.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 29. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HERÓDOTO. **The histories**. 1. ed. Nova York: Pax Librorum, 2010.
- KRAKOW, Any. **The total tattoo book**. 1. ed. Nova Iorque: Time Warner, 1994.
- LACASSAGNE, A. **Les Tatouages**: étude anthropologique et médico-légale. Paris: Librairie J.B. Baillière, 1881.
- LAUTMAN, V. **The new tatto**. 1. ed. Nova Iorque: Abberville Press, 1994.
- LOMBROSO, C. **O homem delinquente**. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2007.
- MARCELINO, F. C. **A mensagem por trás da imagem**: estudos da tatuagem à luz da análise do discurso. 380f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MELLO, M. Arte à flor da pele. **SuperInteressante**, São Paulo, dez. 2000, no 159, p. 66-69.
- MIFFLIN, M. **Bodies of subversion**: a secret history of women and tattoo. 3. ed. Nova Iorque: Juno Books, 2013.
- OSÓRIO, A. B. **O gênero da tatuagem**: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do rio de janeiro. 300f. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

PAREDES, Cezinando V. **A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias.** 40f. Monografia (Pós-Graduação em Tratamento Penal e Gestão Prisional) – UFPR, Curitiba, 2003.

PIERRE, C. **A sociedade contra o estado.** 4 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PUELLES, V. M. **Los Tatuajes.** 1. ed. Valencia: Editorial La Mascara, 1998.

SALDANHA, L. G. **(Re) significação da tatuagem através da moda.** 129f. Monografia (Bacharelado em Moda) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2011.

STEWART, S. M. **Bad boys and tough tattoos: a social history of the tattoo with gangs, sailors, and street-corner punks, 1950-1965.** 1. ed. New York: Harrington Park Press, 1990.